

10 JUN 1985

Sarney completa a assessoria

BRASÍLIA AGÊNCIA ESTADO

A assessoria técnica e pessoal do presidente José Sarney está praticamente completa, com a participação direta do economista Luís Paulo Rozemberg, que antes pertencia à equipe do ministro Delfim Netto, enquanto para a área de Comunicação Social, em princípio, ficou afastada a idéia de colocar um intelectual, que atuaria acima do estrito relacionamento com os órgãos de imprensa. O escritor Rubem Fonseca não aceitou o convite, rejeitado anteriormente pelo jornalista Walter Fontoura.

O chefe do governo criou a assessoria para ter mais informações à mão, e não depender exclusivamente dos ministros de Estado, repetindo o esquema de funcionamento da Presidência nos Estados Unidos. Para isso foi indicado um assessor especializado em cada setor entre os mais importantes da administração — economia, política internacional, legislação, comunicação, relacionamento entre os órgãos oficiais — embora suas áreas de atuação não sejam limitadas.

O presidente Sarney não vê possibilidade de conflitos entre sua assessoria particular e os ministros, e acredita que suas atividades serão complementares. Os "conselheiros presidenciais", entretanto, têm acesso direto e permanente ao chefe do governo, trabalhando todos no Palácio do Planalto, enquanto os despachos dos ministros são quinzenais — salvo razões extraordinárias.

Foi necessária a reformulação da estrutura funcional do gabinete da Presidência da República, com a criação de dez cargos de assessores especiais e adjuntos, num total de 20 pessoas diretamente ligadas a Sarney. Entre elas, a filha Roseana, lotada no Gabinete Civil, e o genro Jorge Murad, um dos principais responsáveis pelo acesso ao chefe do governo, como secretário particular. Murad foi o organizador do encontro de Sarney com os empresários, e elaborou a lista dos nomes para posterior aprovação presidencial. É uma pessoa simples e afável, um dos primeiros a chegar no Palácio, onde almoça, saindo sempre depois de Sarney. Mas geralmente há outras conversas na residência oficial do Jaburu.

O ex-presidente da Câmara, Célio Borja, lembra que o governo não é

uma academia de ciências, e precisa cercar-se de toda a colaboração e o saber possível da sociedade, diretamente ou por intermediários, como a imprensa e o Parlamento. A estrutura de assessoramento é portanto democrática e aberta, aceitando o diálogo com todos os setores que desejam trocar idéias sobre os problemas nacionais. Borja é um dos principais conselheiros de Sarney, como jurista e político, e para alguns observadores se trata de um ministerial em compasso de espera. O ex-deputado e presidente do diretório fluminense do PFL, que será uma das peças de ligação do governo com a Comissão Constitucional a ser presidida por Afonso Arinos, destaca que a Comissão Interpartidária já promoveu importantes reformas na legislação político-partidária. O jurista Célio Borja considera que quase todo o arcabouço jurídico do País está superado, ressaltando os problemas específicos causados pela Lei de Greve e a legislação agrária, incapazes de gerir os conflitos setoriais.

O embaixador Rubens Ricúpero, antigo chefe do Departamento das Américas do Itamaraty e acompanhante de Tancredo Neves em sua viagem ao Exterior, assessora o presidente na área internacional, não apenas política como também econômica, sendo especialista em questões de comércio exterior e dívida externa. Outro acompanhante de Tancredo na viagem, seu amigo pessoal de mais de 20 anos, o jornalista Mauro Santayana, foi indicado para uma das assessorias especiais, mas não terá gabinete privativo no Palácio, vindo periodicamente despachar com o chefe do governo, por ser também o provável relator da Comissão da Constituinte, que funcionará no Ministério da Justiça. Santayana será uma espécie de assessor polivalente, conselheiro para política, comunicação e, eventualmente, discursos.

Entre os velhos amigos do presidente Sarney está o ex-deputado Edson Vidigal, que foi seu secretário de Imprensa no governo do Maranhão, e trabalha também ligado ao gabinete de Célio Borja. A secretária Vera Sabará é outra veterana da equipe de Sarney, com quem trabalha há oito anos, e cuida de sua correspondência pessoal, atividade intensificada a ponto de ter de solicitar mais duas auxiliares, pois a média de recebi-

mento de cartas está em torno de duas mil por dia.

Marcos Villaça, ex-secretário de Cultura do Ministério da Educação é amigo particular do presidente, e comungam o mesmo interesse intelectual. Villaça tomará posse na Academia Brasileira de Letras no dia 2 de julho, e será saudado pelo seu amigo e também acadêmico Sarney. Villaça foi o primeiro assessor especial do presidente a ser indicado oficialmente e começar a trabalhar no Planalto, tendo participado do processo de seleção de nomes para os cargos do segundo escalão da administração federal. Tem gosto pela política e foi chamado pelo governador Roberto Magalhães para ser o candidato do PFL à Prefeitura de Recife. O próprio Sarney descartou a idéia para não se ver privado de um de seus principais conselheiros. Villaça cuida da coordenação com os ministérios, tenta evitar conflitos e racionalizar a administração enquanto estuda projetos que vão desde a criação de uma Secretaria de Ação Comunitária até a irrigação no Nordeste.

Todos os conselheiros particulares do presidente Sarney mantêm bom relacionamento com os políticos e com os jornalistas, no pouco tempo que lhes resta, já que os representantes da imprensa deixaram de ser perseguidos ou evitados no Palácio do Planalto, como acontecia no governo anterior. Todos os assessores estão em intensa atividade e chegam aos seus gabinetes por volta das 8h30, saindo geralmente depois do presidente, cerca das 21 horas. Os conselheiros presidenciais participam, quase todos, dos encontros de trabalho realizados pelo presidente Sarney na Granja do Torto, se não como debatedores, na qualidade de assistentes. Os ministros só participam quando do respectivo setor e alguns convidados especiais, para manter o nível de integração do governo.

A diferença básica entre os conselheiros presidenciais é que eles todos foram escolhidos pelo presidente José Sarney e substituem os antigos assessores especiais de Tancredo Neves, enquanto os ministros foram escolhidos pelo falecido presidente e continuam em seus cargos. Os políticos admitem que há muito mais entrosamento entre a equipe de conselheiros do que no Ministério.